

ARTE E LINGUAGEM I.

Tópico 5

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

**1. A ideia de Arte como
manifestação e expressão.**



Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE
VISUAL
ensino

O termo ARTE, segundo o dicionário da língua portuguesa é:

substantivo feminino que pode se entendido como:

1. habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de forma consciente, controlada e racional.
2. conjunto de meios e procedimentos através dos quais é possível a obtenção de finalidades práticas ou a produção de objetos; técnica.

Estas definições excluem as questões de caráter estéticos e conceituais de como a Arte é entendida no contexto atual.

Outro entendimento de Arte é como um Substantivo Adjetivado, que caracteriza seu uso inadequado e que tem sido comum na fala cotidiana. Por exemplo:

Como produzir sua Arte?

Como vender sua Arte?

Nesse sentido é uma aplicação limitada e se refere a ela como uma espécie de produto realizado com fim delimitado. Enfim, lidar com o entendimento e compreensão do que é ou pode ser Arte é a finalidade desta disciplina.

Quando se trata de Arte Visual, *a priori*, está implícito que se trata de algo acessível por meio da visão, do olhar.

Obviamente que as manifestações que vêm ocorrendo na Arte Visual não excluem o acesso de outros sentidos, embora o visual seja o motivador, o “gancho” ou o “gatilho” para mobilizar a atenção para observação, apreciação e análise das Obras de Arte.

Logo é comum acreditar que a Arte Visual, por sua ocorrência, permanência e acessibilidade, acabou sendo uma espécie de “embaixadora” de outras manifestações artísticas. Embora seja injusto, quando se fala em Arte, parece que se fala apenas em Pintura, Escultura e Desenho e não em Música, Teatro, Dança, Literatura ou Audiovisual. O mesmo acontece quando se fala em História da Arte, parece que o termo Arte se transformou num sinônimo de Arte Visual. Então vamos esclarecer a questão da Imagem.

“Imagem é uma configuração visual geradora de sentido”.

Volto a esta “definição” por ser útil para a compreensão do conceito de Imagem, contudo é necessário ressaltar que embora toda imagem seja uma configuração visual, nem toda imagem é Arte Visual.

Esta questão deve ser a base da abordagem sobre as Imagens consideradas Arte Visual pois, são distintas das que surgem no contexto sociocultural destinadas a outros fins que não à Arte. Exemplo disto são as utilizadas em publicidade, propaganda, registros e demais finalidades mercantis, industriais ou comunicacionais.

A apreensão sensível e perceptiva do ambiente depende dos sentidos como o da visão que implica em lidar com, no mínimo, três aspectos do meio ambiente: a *Luminosidade*, a *Espacialidade* e a *Temporalidade*. Estes três aspectos já foram tratados aqui, são pertinentes ao mundo natural e por meio deles é que se apropria das características visuais do entorno, por isto é bom revisá-los pois, sem apreender as variações luminosas, as propriedades espaciais ou cinéticas não se compreende o ambiente.

A Luminosidade corresponde ao modo como se percebe a luz e suas variações de intensidade e frequência o que dá a sensação de luz e sombra, de variações tonais, a variação de frequência implica na percepção das cores espectrais. A Espacialidade diz respeito ao modo como se percebe o espaço em relação às variações de tamanho, forma, altura, largura e profundidade relacionada às três dimensões. A quarta dimensão, o tempo se refere à Temporalidade o modo como se percebe o deslocamento dos corpos em relação ao meio ou das coisas em relações umas as outras e com as pessoas. Mas como estes fenômenos se relacionam com a Arte Visual?

A capacidade perceptiva humana conta com sensores de qualidades estésicas: sejam luminosas, sonoras, táteis, olfativas ou gustativas quando consideramos os cinco sentidos como a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar que dependem dos órgãos dos sentidos: os olhos, os ouvidos, a pele, o nariz e a boca. Eles são capazes de “traduzir” as sensações estésicas/sensoriais do meio em sentidos para identificar e compreender os fenômenos naturais como também usá-los e replicá-los no contexto vivencial.

A percepção é a habilidade de captar, processar e entender as informações dos estímulos recebidos do meio ambiente e apreendidos pelos órgãos sensoriais. A partir daí se desenvolve o processo cognitivo permitindo distinguir e interpretar tanto o ambiente, quanto as elaborações desenvolvidas a partir dele. As imagens são um exemplo disso: apreende-se a aparência, a forma de coisas do mundo e a partir daí se reconstrói algo que pode ou não se parecer com ele.

Grande parte do que se desenvolveu como Arte Visual recorreu à estratégia mimética, ou seja, à imitação do visível. No campo das imagens o mais relevante é a Visão e os modos como a Visualidade se constrói. As imagens são configurações articuladas pelo cérebro a partir da captação, absorção, adaptação e transformação das informações do meio em conhecimento através de estratégias mentais que dão sentido a elas.

O conjunto destes conhecimentos forma um repertório capaz de realizar comparações imediatas com o que se vê e os usa para identificar do que se trata. O conhecimento de formas levou ao reconhecimento de imagens. Os procedimentos técnicos utilizados pelo ser humano para construí-las se transformou em técnicas e processos para criação artística. Assim o desenho se tornou síntese, a pintura ilusão, a escultura como projeção ambiental se consolidaram.

Vários estudiosos desenvolveram teorias a partir de pesquisas sobre estratégias e habilidades mentais dedicadas a compreender como o cérebro funciona para apreender, organizar e reconhecer imagens. Tais estudos foram, historicamente, realizados no campo da chamada Psicologia da Percepção, depois aprofundadas por um de seus ramos: a Psicologia da Gestalt. Posteriormente passaram a ser desenvolvidos pela Neurociência com uso de aparelhos neurológicos.

Paralelamente às estratégias mentais para apreensão de imagens surge a necessidade de materializa-las e constituí-las por meio de manifestações formais no mundo natural tornando-as também acessíveis aos sentidos como as demais coisas do mundo. A partir daí são elaboradas outras estratégias, agora pragmáticas, capazes de darem existência real à imagens transformando-as em objetos, modelando-as ou esculpindo ou plasmando-as em superfícies por meio de desenhos, pinturas e incisões dando-lhes a condição de presença na realidade.

Se as operações mentais anteriores eram apenas cognitivas, a partir de então é necessário associar a cognição ao fazer motriz, desenvolver habilidades psicomotoras capazes de converter o que se vê ou imagina em coisa no mundo. Ai entram os saberes manuais, a *práxis realizatória*, o *fazer artesanal do artifice*, do *técnico*, enfim, surge a personagem chamada de *artista*: alguém que detém habilidades *manuais e mentais - psicomotoras-*, necessárias a criação ou invenção de imagens que, por suas características e/ou circunstâncias são entendidas como Arte.

Uma das teorias sobre a apreensão/criação de imagens vem da Psicologia da Percepção, a partir dos estudos de três autores: Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967) e Kurt Koffka (1886-1940) que foi chamada de Teoria da Configuração, em alemão: *Gestalttheorie*. Também conhecida por Teoria da Forma ou das Configurações. Esta teoria propôs as chamadas “leis da Gestalt”. Tal teoria considera que o cérebro segue certas tendências visuais ou, segundo eles, princípios ou leis para reconhecer e atribuir ou dar “forma” às coisas.

Segundo a *Gestalt*, existem quatro “leis” ou princípios para a percepção de coisas, objetos e formas:

1. *Tendência à estruturação;*
2. *Segregação figura-fundo;*
3. *Pregnância ou boa forma e*
4. *Constância perceptiva.*

Cada um destes princípios é uma explicação dos meios que o cérebro tem para organizar a visão do entorno para produzir sentido ou significação.

A tendência à estruturação nada mais é do que a necessidade de organizar o todo visível para selecionar o que é ou não importante observar. Não se olha tudo, mas se organiza o todo e se destaca o mais importante, relevante ou o que se quer ver. *Figura fundo* é a maneira que o cérebro tem de destacar o seu interesse sobre algo em detrimento do restante, uma espécie de organização de Forma X Contra-Forma.

Pregnância é a “força” de atração que algo tem para se destacar do todo, por exemplo: num conjunto de imagens a que se destaca é a que já se conhece ou cujas formas chamam mais a atenção, chamada também de “boa forma” pelas mesmas características. A constância perceptiva se refere às características próprias das coisas, ou seja, um pássaro sempre se parece com pássaro, árvore com árvores e assim por diante, portanto o cérebro se habitua a isto e distingue rapidamente algumas coisas em detrimento de outras.

A Gestalt não explica necessariamente a questão do Movimento e nem há um órgão de sentido dedicado exclusivamente a ele, portanto a percepção do movimento depende de uma associação entre sentidos. Sem dúvida a visão é preponderante, mas não é só a visão que importa, mas também o equilíbrio que envolve a posição do corpo no espaço e dá a sensação de estabilidade a partir da percepção de horizontalidade, verticalidade, diagonalidade e profundidade.

A Teoria da Gestalt, embora tenha sido importante para entender o funcionamento da mente na compreensão das Formas e das Imagens, hoje em dia está em desuso por conta da Neurociência que atua nas investigações intracerebrais e não mais visuais.

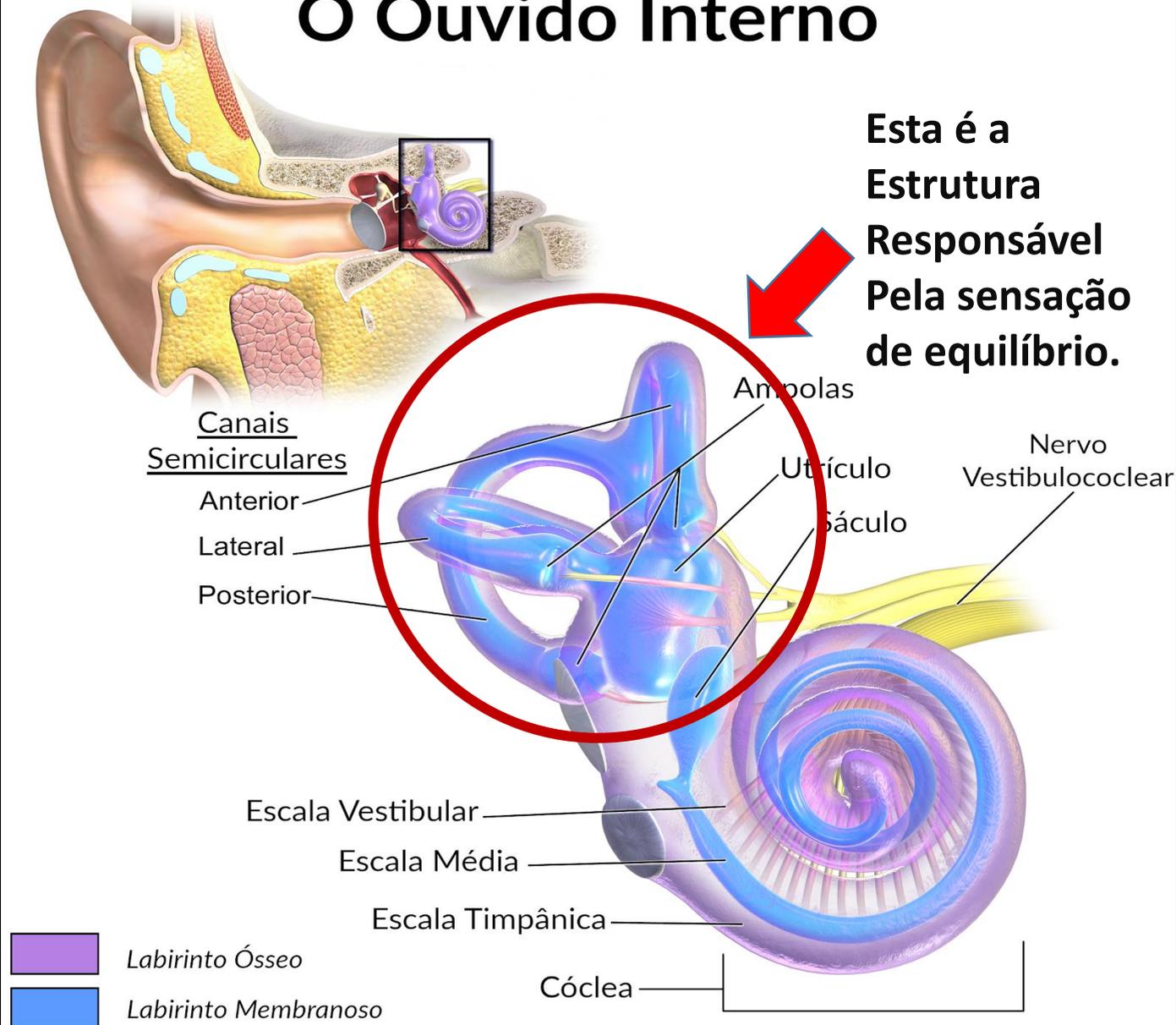
Contudo, a apreensão do Movimento é essencial para a compreensão do meio e das coisas que o constituem.

O Movimento decorre de relações entre: visualização, posição e deslocamento no espaço, ou seja o “deslocamento” de algo que esteja no espaço circundante de alguém ou de alguém que se desloque diante de algo no seu entorno, portanto o movimento não depende apenas de órgãos dos sentidos, mas de algo a mais: o Tempo, ou seja, da apreensão de algo que se move, aqui chamado de Temporalidade.

Para definir a *Posição no espaço* os corpo recorre à estrutura auricular do ouvido interno que possui sensores de nível: o Labirinto. Ele é responsável pelo sentido Vestibular que coordena a manutenção do equilíbrio do corpo em relação ao espaço, portanto, é capaz de identificar posições em pé ou deitado e quando tais posições são ou estão alteradas, ele é complementado por outro sentido, o Proprioceptivo que percebe a localização, força dos músculos e a posição de cada parte do corpo para orientação no espaço.

O Ouvido Interno

Esta é a
Estrutura
Responsável
Pela sensação
de equilíbrio.



Assim é possível
caminhar, correr,
saltar, movimentar-
se com segurança
e também perceber
alterações
espaciais do
ambiente.

Deslocando o
olhar, o corpo ou
acompanhando o
deslocamento das
coisas no espaço
constituímos o que
chamamos de
Temporalidade.

O que se deduz é que os sentidos atuam simultânea e sincronicamente, ou seja, se quisermos apenas caminhar é necessário associar visão, tato, ouvido/labirinto. Um deficiente visual, usa o tato e o labirinto auxiliado pela audição, na medida em que pode perceber variações sonoras no ambiente auxiliando a localização, como também a sensação de posição como verticalidade e horizontalidade.

Nesta mesma linha de raciocínio é possível considerar que a percepção de movimento também é desenvolvida por associação. Neste caso um tipo diferente de associação, além da visão entra um novo elemento associativo: a ideia de tempo. Neste caso esta ideia se refere à percepção de deslocamento dos corpos e das coisas no espaço, criando a sensação de antes, durante e depois. Segundo tais pressupostos é possível ressignificar o mundo por meio de imagens, originariamente bidimensionais e fixas, hoje projetadas e em movimento.

Imitar, mimetizar, copiar, reproduzir e representar coisas do mundo natural foi o primeiro passo, o segundo foi imaginar, inventar, propor, projetar e criar imagens que não existiam no mundo natural, mas que brotavam da mente de pessoas imaginativas que lhes davam forma e visibilidade. Neste mesmo raciocínio entram os projetos e idealizações que vão ser desenvolvidos ao longo da história como as edificações consolidadas na arquitetura e em todas as outras estratégias projetivas que foram e continuam sendo desenvolvidas.

Os modos de fazer isto, ou seja, dar visibilidade a coisas apreendidas do mundo levou os seres humanos a recorrerem a matérias e meios obtidos no entorno transformando-os em materiais e instrumentos por adaptação e/ou criação recorrendo às suas habilidades cognitivas, motrizes e artesanais. Com isto inaugura os processos pragmáticos que vão dar surgimento à pintura, ao desenho, às incisões, à modelagem, a escultura e demais processos de confecção de coisas e objetos chamados de técnicas e processos que perduram até hoje.

Os processos originais dependiam, em grande parte, de domínios psicomotores, mais tarde chamados de técnicas, cujo desenvolvimento dependeu da capacidade de observação, interpretação, conhecimento e também da imaginação. A observação do entorno na tentativa de reproduzir o que visível, delimitando contornos, formas, detalhes e aparência a partir daquilo que via fez com que se apropriasse da forma dos animais com os quais convivia e necessitava para sua sobrevivência, com isto, passaram a ser temas e assuntos daquelas representações.

Não só os animais foram tomados como referencia para sua criações, mas também configurava outras imagens tomando por base, por exemplo, figuras femininas. Tais figuras podiam ser motivadas por ritos e criadas como objetos votivos. Certas incisões em rochas podiam ser tomadas como marcas, mapas ou orientações. As incisões geometrizadas usadas na ornamentação de objetos e cerâmicas. Desde então a proliferação de informações visuais cresceu e, hoje em dia, surgem milhões por segundo.

É de se supor também que ocorressem outras estratégias comunicativas e expressivas que recorriam a sons, gestos corporais e condutas interativas na mobilização de seu grupo. Isto leva a crer que tais manifestações tivessem também finalidades ritualísticas. A hipótese mais aceita é que tais rituais se dedicavam a obter sucesso em suas demandas de sobrevivência materiais ou de segurança. A crença no domínio de algo por meio de sua imagem é algo bem verossímil e aceitável. Assim surgiram a teoria da Magia Simpática ou Propiciatória.

Pode-se dizer que a Arte nunca deixou de usar o corpo e suas habilidades para criar, intuir, representar, interpretar coisas do mundo ou interagir com ele. Fosse por meio da motricidade geral e gestual ou fina e precisa requerida para atividades mais delicadas e elaboradas. Talvez seja isto que motiva, ainda hoje, manifestações interventivas e performáticas. Produzir Arte não é apenas habilidade técnica, psicomotora, mas principalmente habilidade mental, cognitiva.

As transformações da Arte Visual proporcionou o surgimento da Arte Conceitual que, em última instância, amplia o percurso cognitivo e performático das manifestações artísticas anteriores. As categorizações, gêneros criados ou nomeados para identificar determinados segmentos artísticos ao longo da história nada mais são do que meios ou recortes para facilitar a abordagem e compreensão do percurso e transformações pelas quais a Arte realizou com o passar do tempo. As manifestações artísticas são sempre relativas ao seu tempo e lugar, portanto a Arte dialoga, interage e reflete as condicionantes socioculturais de seu tempo.

Não se pode ignorar que as problemáticas e proposições contemporâneas são difíceis de apreender considerando que o *status quo*, instaurado no senso comum, tende a manter a conexão com passado, amparado no que já é conhecido e seguro mesmo que esteja anacronicamente defasado. A visão conservadora é um dos meios que o sistema dominante usa para garantir que nada mude e que seu domínio sobre o meio, o contexto sociocultural, permaneça sempre como está.

Atividades

Leituras Indicadas pela bibliografia da disciplina e disponível na Biblioteca central.

Leitura de textos Disponíveis em TEXTOS:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Leitura da Revista Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

TICs

MULTIMÍDIA - com vídeos, tutoriais e podcasts:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php>

Audição do Podcast Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<https://podcasters.spotify.com/pod/show/isaac-antonio-camargo>

Questões para reforço didático e avaliação do Tópico 5 - 1:

1. Qual a ideia de Luminosidade?
2. Qual a ideia de Espacialidade?
3. Qual a ideia de Temporalidade?
4. Qual campo das Ciências Humanas se dedicou à Percepção Visual?
5. O que é Teoria da Gestalt?

2. Estruturas cognitivas e expressivas.

Uma das falas atribuídas a Leonardo da Vinci diz: “*Pintura é coisa mental*”. Resguardadas as proporções entre o tempo dele e o tempo atual, o conceito de mental também se transformou. Para ele era a capacidade racional, lógica e estruturante que dava veracidade e convencia as pessoas de que uma pintura representava e imitava o mundo natural pois as estratégias técnicas constitutivas usadas como efeitos de luz, sombra e perspectiva assim o faziam. Tais recursos técnicos definiam a execução das Obras de Arte no seu tempo.

Contemporaneamente falar em “coisa mental” é investir em *Conceitos*, em ideias e nos meios de transforma-las em Obras que não são necessariamente pinturas ou qualquer manifestação tradicional, mas intervenções, instalações, ocupações que, nem sempre, geram objetos reconhecíveis no contexto tradicional da Arte Visual. Performar obras ou performar com o próprio corpo também são meios para manifestar, realizar e expressar, logo, o conceito de mental se amplia substancialmente.

Imagens são criações artificiais, ou seja, não surgem na natureza ou espontaneamente, resultam da ação, intervenção, criação, intenção e volição/vontade humana, portanto, são produtos da cultura. Neste sentido as imagens, sendo ou não Arte, são produzidas pelos seres humanos e destinadas a serem interpretadas por eles. Há sempre elementos de significação implicados nelas, seja por simples ato comunicativo e funcional ou mais intensas como expressão de crenças, ideias, conceitos e valores essencialmente humanos.

Um grande problema posto a partir do surgimento e criação de imagens é o da significação que têm ou assumem em relação ao contexto em que surgem e levam a perguntas: como e por quais motivos. Em relação ao “como” pode-se explicar por meio dos procedimentos e processos técnicos usados para dar existência a elas e os motivos podem ser identificados nos contextos nos quais surgem: algumas informam algo, outras informam algo e expressam nos modos de informar, outras ainda se aprofundam na própria expressão.

Nesta linha de raciocínio pode-se dizer que, tanto no contexto das imagens quanto no das manifestações não imagéticas, há limiares entre informação e expressão, portanto, há as que tendem a dizer algo explicitamente e outras que dizem algo implícita e/ou subjetivamente. Olhar para as manifestações do passado implica em considerar o conhecimento sobre o passado e não as concepções e conhecimentos atuais do que se entende por Arte para o passado, isto é anacronia.

Não há neutralidade absoluta na observação do mundo ou do contexto, no entanto, a tentativa de manter o distanciamento entre os objetos de estudo e as crenças e subjetividades dos estudiosos é um critério de isenção teórica necessário em qualquer campo do saber. É importante considerar sempre que o risco de “contaminação” por crenças e valores de quem as analisa e avalia existe, mas deve haver sempre a preocupação de minimizar ou relativizar tais riscos.

Criar imagens, portanto, foi o meio que o ser humano “inventou” e desenvolveu para “recriar”, “ressignificar” o entorno para lidar com o meio, suas crenças e anseios. As imagens fazem parte de sua história e de todas as outras construções culturais que desenvolveu, fossem elas cognitivas, psicomotoras ou afetivas. Isto o diferenciou das outras criaturas e o definiu como “Ser Humano”.

Falar de “invenção” das imagens significa que elas são criações culturais e não naturais. A natureza ou o Mundo Natural não cria ou produz imagens, apenas existe. A relação dos seres humanos com a natureza possibilita tanto a criação das imagens quanto as representações, imitações ou abstrações capazes de conter sentidos e significações que a Natureza desconhece e a humanidade reconhece.

A abordagem humana do mundo natural ocorre por meio dos sentidos, são eles que “traduzem” a natureza para a compreensão humana. Sem eles as ações e transformações humanas seriam limitadas.

Portanto a capacidade de abstração e criação é que destacam o ser humano de outras espécies e isto, talvez, tenha lhe conferido uma certa arrogância em relação às demais criaturas...

Para criar imagens foi necessário desenvolver domínios de caráter cognitivos e psicomotores, ou seja, capacidade de observação e análise e habilidades motoras para transformar informações de caráter visual em coisas, formas e objetos. Assim nasceram: o desenho, a pintura, a escultura e as incisões que, até hoje, são encontradas pelas pesquisas arqueológicas na face da terra, como também os demais meios de produção artística.

Os desenhos, as pinturas, as incisões, modelagem e esculturas que surgiram desde os primeiros tempos da humanidade dependiam de habilidades cognitivas e manuais e da capacidade de observar, imitar, reproduzir ou criar imagens artificiais que podiam se assemelhar ou não com aquilo que viam e conviviam no ambiente. Contudo, as funções sociais dependiam de crenças e valores típicos de cada cultura ou civilização.

Não se sabe como o processo material ou técnico para invenção ou criação de imagens ocorreu, apenas que foram realizados a partir do que estava disponível no ambiente. O carvão, os minerais, gordura, seiva vegetal, dejetos animais, tudo isto serviu para configurar imagens fosse na superfície, nas paredes das cavernas, em ossos, argila ou madeira, enfim, o que encontrava no meio e acreditava ser possível transformar naquilo que via no meio ou intuía em objetos, valores ou imaginação.

A visualidade percebida do mundo natural não está pronta, possui formas, cores, texturas, volumes, densidades, distâncias, movimentos etc. Entretanto não é possível traduzir ou converter tudo isto em imagens, para realizar uma dada configuração visual há que se fazer escolhas: privilegiar alguns aspectos ou efeitos e deixar outros de lado. Estas escolhas vão definir o que se chamou Arte e que hoje chamamos de Poéticas.

Talvez tenha sido a simples observação dos rastros de animais que perseguia que despertou a ideia de representação, ou seja, a memória retida, impressa das patas de um animal no chão levou à dedução de que seria capaz de inscrever suas marcas no ambiente, fosse de suas próprias mãos ou os gestos delas decorrentes. Assim pode ter surgido o desenho, a pintura e os demais meios de expressão chamados e de Arte e que, ainda hoje, são recursos criativos para a criação de imagens.



"Bisão Lambendo uma Picada" é uma das obras do Paleolítico Superior, datando de aproximadamente 15 mil anos, período em que o ser humano começa a criar imagens. Encontrada em Abri de la Madeleine, próxima a Tursac, na França. Representa um Bisão-da-estepe esculpido em um fragmento de chifre de Caribu (Rena). Revela a habilidade técnica dos seres humanos que vivem naquela época naquele lugar. A foto recente do bisão, na mesma posição, confirma a destreza manual da confecção da peça.



As imagens pré-históricas foram produzidas mediante estratégias discursivas tradicionais como estas:

Pode-se dizer que, tradicionalmente, o Desenho privilegia o contorno, o gráfico, em detrimento do volume. A escultura privilegia o volume em detrimento do desenho e da coloração. A pintura privilegia a cor, o desenho e não o volume. Enfim, as primeiras imagens foram construídas em superfícies ou em volumes nas quais eram destacadas as substâncias mais adequadas à sua configuração. Então há imagens bidimensionais e tridimensionais, mas não em movimento.

As imagens eram *artesanais*, feitas pela mão humana, e dependiam das habilidades cognitivas de apreender as aparências do meio e da tentativa de reproduzi-las com maior, menor ou nenhum grau de proximidade ou aparência daquilo que viam.

As primeiras imagens conhecidas e realizadas pelo ser humano se referem, principalmente, a animais. Tais imagens se parecem bastante com certos animais que existem ainda hoje, logo, pode-se perceber a qualidade, a capacidade imitativa, as habilidades manuais e cognitivas que desenvolveram.

Embora seja possível aferir a eficiência com que aqueles seres humanos produziam suas imagens, não é possível saber, de fato, com que fim eram feitas.

Por isso os teóricos e historiadores levantaram algumas hipóteses na tentativa de explicar ou justificar a criação daquelas imagens. Em síntese a melhor explicação é que fazem parte de possíveis rituais criados por eles com fins propiciatórios.

Adotando tal entendimento, não há que se pensar em Arte como hoje em dia, tampouco como ornamentação, decoração ou registro. Mas é possível pensar que tais imagens podiam ser feitas pelo simples fato de exercer a capacidade de realiza-las, este poderia gerar prazer e poderia estimulá-los a fazê-las. Ao mesmo tempo pode-se pensar em quem as fazia: eram os homens ou as mulheres? A meu ver, ambos.

Ao observar suas realizações pode-se inferir quais as motivações que os estimulavam e, a partir daí, tentar entendê-lo e compreendê-lo um pouco mais a respeito de seu comportamento e de sua índole.

O ser humano é um ente social e, portanto, depende dos demais para sobreviver, dentro e fora de seu grupo.

Muito daquilo que realiza produz *efeitos de sentido* junto ao seu grupo, seja para comunicação interpessoal ou coletiva.

Como não há registros de qualquer outro meio de interação ou comunicação entre os seres humanos da pré-história, pode-se dizer que a imagem, ou a Arte, é a primeira manifestação interativa criada pela humanidade. Embora o que se chama de Arte hoje em dia não corresponda necessariamente ao que os motivou a produzir as primeiras imagens, mas pode-se dizer que as *estratégias constitutivas, técnicas ou conceituais* usadas para produzi-las, ainda estão presentes no contexto da Arte Visual como recursos técnicos e expressivos.

Pode-se dizer que Comunicação tem por base o ato de informar, de transmitir dados entre duas instâncias: uma que emite e outra que recebe. Todo sistema de comunicação parte do pressuposto que há uma instância transmissora, um meio transmissivo e uma instância receptora. Em alguns casos, um sistema de resposta ou *feedback*. Portanto todo ato de comunicação implica em recepção, caso ela não ocorra, não há comunicação.

Expressão, por sua vez, implica num ato de manifestação que não se reduz a comunicar algo, mas sim ao conteúdo do que se comunica, o modo de comunicar e o fim desta comunicação. Não é a simples transmissão de dados ou informação de atos, fatos ou ocorrências, mas a condução de sentido e significação que irá promover alterações, previsíveis ou não, no processo e nos seus resultados.

Na Língua natural há várias acepções de Expressão que podem ser desdobradas para o campo das imagens: o ato ou efeito de exprimir; a manifestação de pensamentos por meio de formas; modo de intensificar, modalizar as imagens; ênfase imposta às formas; aparência dada às expressões faciais, corporais como gestos ou cenas em obras figurativas que intensificam a aparência; valorização de formas, traços, cores e estruturas nas imagens; personalização na tematização, escolha de assuntos densos e tocantes; exagero ou comedimento na aparência para denotar estados de espírito, emoções e afetos; escolha de formas, traços, figuras, cores, adereços para intensificação de sentimentos e emoções; personificação e individualização da proposta.

Enquanto Comunicar se revela como um ato *informativo*, Expressão se revela como um ato *subjetivo*. Note-se que subjetivo deve ser aqui entendido em sua essência linguística, que se refere à compreensão do sujeito enquanto ser consciente ou algo do domínio da consciência ou do psiquismo próprio ou relativo a um ou vários sujeitos como sentimentos, impressões e opiniões pessoais; que se mostra como algo individual e particular que faz parte de um mesmo contexto; algo aparente ou ilusório.

Considerando tais aspectos, a Expressão, no contexto da Arte Visual, não é algo “líquido e certo”, ou seja, não é traduzível por meio de dicionários ou vocabulários predeterminados, mas dependente de *processos analíticos*. Para realiza-los é necessário conhecer tanto as teorias quanto os contextos socioculturais nos quais as manifestações artísticas ocorrem. Só assim é possível apreender, entender e compreender as Obras de Arte na sua essência significativa.

O percurso da criação artística desenvolvido ao longo da história da humanidade definiu tanto as linhas temporais, quanto as determinantes socioculturais oriundas do contexto nos quais as obras surgiram. Não é possível destaca-las o descola-las de suas idiossincrasias, não é possível ignorar os grupos étnicos e sociais que as produziu como também não é possível ignorar que são artefatos da criação humana e por isto, não devem descartar as pessoas, seu estilo e seu tempo de vida.

Por isto, chamar de Arte às imagens produzidas pela humanidade ao longo do tempo não é muito estranho, pois desenhos, esculturas, pinturas, incisões e outros modos de configurar a Arte Visual ainda fazem parte do contexto estético da Arte como a vemos na atualidade. Assim, por inferência, chamamos as imagens produzidas desde então de Arte.

Obviamente as imagens chamadas de Arte desde os primeiros tempos da humanidade não atendem exclusivamente ao que entendemos atualmente por Arte, mas se aproximam disso e por falta de uma melhor compreensão do contexto, vamos considerar que a História da Arte revela as transformações plásticas, estéticas e conceituais daquilo que chamamos Arte Visual hoje em dia.

Atividades

Leituras Indicadas pela bibliografia da disciplina e disponível na Biblioteca central.

Leitura de textos Disponíveis em TEXTOS:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Leitura da Revista Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

TICs

MULTIMÍDIA - com vídeos, tutoriais e podcasts:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php>

Audição do Podcast Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<https://podcasters.spotify.com/pod/show/isaac-antonio-camargo>

Questões para reforço didático e avaliação do Tópico 5 - 2:

1. Qual a relação entre Imagem, Natureza e Cultura?
2. O que se pode dizer sobre o motivo para “criar imagens”?
3. Quais os domínios necessários para “criar imagens”?
4. Qual a relação entre Visualidade e Poética?
5. Qual a relação entre Informação e Expressão?